

O historiador e sociólogo americano Steven Shapin está entre os mais citados, premiados e polêmicos estudiosos da ciência da atualidade. É autor de livros que já se tornaram clássicos e redirecionaram a historiografia da ciência, como *The Leviatan and the air-pump* (1985), *A social history of truth* (1994) e *The Scientific Revolution* (1996). Ao romper com as tradicionais versões da história da ciência, todavia, ele acirrou a querela entre uma corrente de filósofos, historiadores e sociólogos da vertente dos estudos sociais da ciência. Por esta razão, o característico relativismo metodológico que Shapin advoga reaviva a discussão sobre as práticas científicas e como a ciência é feita. Mas, sem dúvida alguma, a produção científica de Shapin é profícua, alicerçada em árduo trabalho de investigação histórica e estimulou outras pesquisas sobre a história das controvérsias científicas.

Assim, ninguém melhor do que Steven Shapin para inaugurar a seção **Entrevista** da *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. Solicito e cauteloso na conversa com Bernardo J. Oliveira, Shapin fala de seu novo livro, das influências na sua formação e, como não poderia deixar passar, do relativismo. Desse modo, a *Revista da SBHC* contribui para que seus leitores se mantenham atualizados.

Abrimos este número com um artigo sobre um tema pouco abordado: a história da extensão universitária, a partir do exame da experiência precursora na América Latina posta em prática na Universidad Nacional de La Plata. O trabalho se limita às atividades de extensão empreendidas no Instituto de Física da UNLP, entre 1905-1930, porém retoma a discussão sobre o papel da universidade à luz da reflexão de intelectuais e educadores argentinos e brasileiros. Os autores salientam que os protagonistas do processo, apostando na idéia do progresso e de uma aliança entre o Estado e setores da “elite ilustrada”, empenharam-se para levar a ciência a grupos comunitários e aos trabalhadores, formar professores de física e colaborar com outros setores da sociedade. Nesse sentido, o artigo contribui para o permanente debate sobre as atribuições das universidades nas sociedades latino-americanas.

Como confirma o segundo artigo, os vínculos entre professores e pesquisadores de física, o Estado e o setor produtivo são antigos. Pôde ser verificado que, desde o século XVIII, professores do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra se dedicaram ao ensino da resistência de materiais na disciplina de física experimental e, no início do século XIX, realizaram experiências a fim de determinar as possibilidades de utilização de madeiras, originárias das colônias, em construções e manufaturas da metrópole. As autoras buscam na história da ciência o estudo da propriedade de resistência dos materiais, nos arquivos portugueses as evidências históricas sobre o interesse do Estado no aproveitamento da madeira e, em particular, na história da Universidade de Coimbra informações sobre as atividades de Constantino Botelho de Lacerda Lobo no Gabinete de Física.

Constataram que, embora fosse usual na história natural a classificação morfológica, a preocupação desse professor estava centrada na classificação das madeiras baseada em parâmetros físicos.

O estudo do processo de produção do conhecimento na história das sociedades não pode se limitar à análise das atividades desenvolvidas em instituições de ensino e pesquisa. É o que propugna em seu ensaio o lingüista Luiz C. Borges ao mostrar que, dada a singular relação com o sagrado na sociedade Guarani Mbyá, a verdade – o conhecimento verdadeiro – só pode ser estabelecida quando julgada a partir de critérios advindos da esfera cosmológica. Assim, partindo da premissa que uma introdução às concepções fundadoras do ideário guarani podem levar à compreensão do que para os Guarani realmente significa saber, o autor vai além de uma etnografia do tipo de conhecimento e de tecnologia de que dispõe esse povo.

Conforme mencionado no número anterior, o volume 2 da *Revista da SBHC* dá destaque à preservação do legado científico e tecnológico. Enquanto no primeiro número do volume foi publicado um artigo sobre os documentos produzidos na prática científica contemporânea, neste chama-se a atenção para a importância de preservar os instrumentos científicos como fonte para a história da ciência. Em vários aspectos, o artigo denota o cuidado do autor ao abordar o assunto. Em primeiro lugar, preferiu adotar a denominação de instrumentos de precisão, pois sua preocupação com a conservação dos aparatos científicos não se limita às coleções de instrumentos fabricados nos últimos dois séculos. Em segundo lugar, Marcus Granato é minucioso na descrição das etapas do processo de conservação e restauro de um acervo histórico de museu de ciências. Com toda certeza, o trabalho contribuirá para obstar as iniciativas relacionadas às intervenções nos instrumentos científicos existentes no Brasil que, apesar de realizadas por pessoas bem intencionadas, colocam em risco a integridade de testemunhos materiais da história da ciência e os registros da história de instrumentos.

Na seção **Documento** a tradução da segunda parte de “Sobre o equilíbrio dos planos”, de Arquimedes, finaliza a tarefa a que se propôs André Assis em 1997, ao publicar na *Revista da SBHC* o início do trabalho.

Entre as resenhas, dois livros confirmam a importância da história para a divulgação da ciência e mostram como a tarefa pode ser bem desempenhada por cientistas ou por historiadores.

Este número coincide com um marco comemorativo no âmbito da SBHC: a avaliação desta revista em novas áreas da Capes. A obtenção do conceito A na área de História, bem como na área denominada Multidisciplinar do *Qualis Capes*, é um incentivo e um grande desafio para todos os associados. Neste sentido, registramos o empenho da Diretoria da SBHC para a manutenção da sua periodicidade e qualidade, da mesma maneira que esperamos contar com colaborações de todos os estudiosos da ciência.

A editora

Ana Maria Ribeiro de Andrade